



#MassaCrítica

Brasil se refaz do golpe? Responde ao crime contra Marielle?

Originalmente publicado no [Medium](#), em 1 de outubro de 2018

Autoria de Sandra Quintela / Instituto PACS

**Por Sandra Quintela, economista e vice presidenta do Instituto Pacs*



Marielle Franco é lembrada em ato #EleNão que reuniu multidão no centro do Rio no último sábado (29) | Foto: Isabelle Rodrigues | Comunicação Instituto Pacs

Na conjuntura extremamente complexa em que nos encontramos, as eleições não poderiam ser diferentes. O eterno primeiro colocado continua amargando a injustiça de sua condenação nas dependências da Polícia

Federal, em Curitiba. Aquele que não se pode nominar assume a primeira colocação das pesquisas de intenção de votos, enquanto se recuperava, internado em um hospital, do atentado à faca que foi vítima no dia 6 de setembro, em Juiz de Fora. Até a primeira semana de setembro, o PT lutava nos tribunais para manter a candidatura Lula que, ao ser negada, ganha Haddad como âncora, o qual já cresce nas pesquisas e alcança o segundo lugar.

O que poderíamos refletir nesse processo eleitoral?

Há dois Brasis em disputa desde o golpe — que se aprofunda — e desde sempre. Um desses Brasis não aceita que a famosa dicotomia modernidade x atraso seja superada. Do lado de cá, já aprendemos que a ideologia de que é preciso combater o “atraso” para superar as profundas desigualdades sociais em que nos encontramos é o mesmo lado da moeda dos setores “modernos” que se locupletam no poder graças a essa injustiça. Esse é o Brasil dos que não aceitaram Marielle vereadora, atuante e comprometida com uma agenda das minorias, afirmando sempre ser do partido que defende o socialismo. “Ora, os de baixo podem sim se candidatar, contanto que mantenham sua submissão eterna às elites governantes”, pensam eles.

Nessa eleição, estamos vendo uma movimentação assustadora de setores atrasados política e intelectualmente. Fico pensando: onde essas criaturas, que fizeram coreografias pelos atos Brasil afora, que se afirmam racistas, machistas e LGBTIfóbicos estudaram e curtiram sua infância e juventude? O que aprenderam nas escolas por onde passaram? Ou nas universidades? Que vidas levam e levaram? A **aporofobia**¹, ou a aversão aos **pobres**, termo

¹ <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/07/aporofobia-a-aversao-aos-pobres-define-o-brasil-pos-golpe-diz-feijoo>

referente ao racismo e à xenofobia, criado pela professora e filósofa Adela Cortina, da Universidade de Valência, na Espanha, pode ser uma explicação para esse tipo de patologia social.

No Brasil, a pobreza, majoritariamente, é composta por mulheres negras, a base da pirâmide social brasileira. Nos números de desemprego, enquanto 5,3% são homens brancos, 12,5% são mulheres negras. 70% dos que recebem bolsa família são famílias negras. 66,3% dos lares urbanos que não possuem máquina de lavar são chefiados por mulheres negras. Em 2015, a renda média de uma família branca foi de R\$ 1.402,2. Já a renda média das famílias negras, R\$ 762,2. Ou seja, a renda das famílias negras é metade da renda média de uma família branca.

Entre os mais pobres, vemos que a renda média em 2015 era de R\$782,0 para homens negros e de R\$742,6 para as mulheres negras. Os dados do “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), tem como base em séries históricas de 1995 a 2015. Todos os dados informam que as mulheres negras no Brasil são a base da pirâmide social. São as mais pobres dos pobres! Quer retrato mais claro da desigualdade que enfrentam as mulheres negras?

Marielle enxergava muito bem isso. Tinha uma clareza dessa leitura de sociedade. Por isso, em seu breve mandato de pouco mais de um ano, atuou em ações e projetos de lei, dos quais muitos foram defendidos pela bancada do Psol e aprovados após sua morte. Mas, também muitas homenagens. Marielle encheu de alegria e de muita história aquela câmara de vereadores. Homenageou cozinheiras, escritoras, religiosas, lutadoras e muitas mulheres incríveis. Praticamente todas elas, mulheres negras. Marielle sabia que para

superar as desigualdades históricas em que vivemos e que os governos do PT timidamente mexeram, precisaria esgarçar essa ferida.

As políticas de inclusão social praticadas pelos governos de Lula, em particular, fizeram, entre outras coisas, com que gente de distintas faixas sociais frequentassem os mesmos aeroportos, shoppings, etc, trazendo um incômodo terrível. O fim desses direitos foi pauta destaque nas manifestações pró-golpe. O fato das filhas das trabalhadoras domésticas não perpetuarem a profissão das mães indo para a universidade, por exemplo, gerou uma reação da burguesia contra esses direitos. Como incomodou essa inclusão mínima à elite moderna do atraso!

Essa é uma pseudo elite, que, com suas dancinhas em estacionamento de shoppings vestidos de verde amarelo, não pode e não quer ver isso. Querem aquele país da família tradicional, onde as mulheres estão dedicadas ao lar e os homens a prover a família e manter a farsa muitas vezes a força. 2/3 dos casos de denuncia de violência contra as mulheres acontecem dentro de casa. Neste cenário, cresce também a onda religiosa fundamentalista.

Onde existe essa família ideal no Brasil como a que apregoa aquele que não deve ser nominado e seu vice-candidato? 40% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres, na grande maioria, negras.

Por que o inominável é um fenômeno nessa eleição? Hordas de seguidores do coisa, nas ruas e nas redes, espalham violência na política Brasil afora. Em episódio recente vimos a derrubada da página "Mulheres contra o Bolsonaro", com mais de dois milhões de inscritas. Em Belém, três mulheres foram agredidas em Belém ao saírem da reunião de organização do ato #EleNão,

que lotou as ruas Brasil afora no último 29 de setembro. Assistimos o discurso de ódio amplamente propagado sem pudor. Militares se assanhando para dar as cartas, enquanto no nosso vizinho, pequeno e bravo Uruguai, o presidente, no uso de suas prerrogativas, manda prender o militar que opina sobre lei.

Os dois brasis dessa eleição, em minha opinião, se estruturam nesse alicerce que é a base da pirâmide social brasileira: a injustiça, em todos os níveis, contra as mulheres negras. E ao se naturalizar essa violência e racismos estruturais e institucionalizados, se legitima também a violência contra o conjunto das mulheres, população LGBTI e outras ditas minorias políticas.

É óbvio que os interesses das grandes empresas transnacionais, dos bancos e dos setores mais depredadores do sistema vão disputar cada voto. Afinal, o golpe de 2016 acelerou abruptamente as perdas para a classe trabalhadora, com a reforma trabalhista, a lei da terceirização, a concessão de bens para as empresas petroleiras e a privatização do patrimônio público, acompanhado do sucateamento das universidades e do sistema público de saúde que abre caminhos para a privatização. Essa disputa se deu e se dará sempre. Não é a toa que nessa eleição temos candidatos extremamente ricos, como Amoedo ou Henrique Meirelles. O último doou para a sua própria campanha R\$20 milhões. Fenômeno novo, esses perfis da alta burguesia colocam a cara para uma campanha presidencial.



Foto: Isabelle Rodrigues | Comunicação Instituto Pacs

O atentado contra a vida de Marielle, em 14 de março, e a prisão de Lula, em 7 de abril, com menos de um mês de distância, foram episódios que deixaram marcas profundas na política no Brasil. Doeu na carne. Não é minha intenção aqui comparar a violação de direitos civis e políticos com a execução. Coloco-os reunidos nessa análise como feridas que marcam as eleições em 2018. Por isso, essas poucas palavras aqui escritas, deixam no ar a pergunta: Nas eleições 2018, o Brasil se refaz do golpe? Responde ao crime contra Marielle?

Por um ato quase de fé, acredito que sairemos maiores dessa eleição! A força das mulheres que tomaram as ruas no último sábado contra o racismo, o machismo e o fascismo, bradando o Ele Não! é energia e potência que alimenta a nossa utopia. Resistir é preciso.